

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

REDIGIDO POR ALGUNS ACADEMICOS.

O TYMBIRA.

Resposta ao libello intitulado *Poder moderador, e o Snr. T. B. Ottoni.**(Continuado do N.º 17.)*

Fundando-nos agora nos principios, que ficam estabelecidos em nome da logica e da verdade nos julgamos habilitados para impor ao Snr. que não é energumeno esta consequencia: A irresponsabilidade de que falla o art. 99 não é sem limites; ella cobre sómente o chefe do Estado; o homem fica responsavel, como qualquer outro cidadão.

Porém, como que já ouvimos o Snr. que não é energumeno nos dizer: a vossa opinião é uma incoherencia; quem admite o mais, admite o menos; vós cobris com o véu da irresponsabilidade o Chefe do Estado, agora para serdes consequente declarae tambem o homem irresponsavel; e para prova d'isto é bastante, que vos lembreis, que, quem commette crimes individuaes os mais graves denota muito menor criminalidade, do que quem faz uso criminoso dos poderes politicoos, ou, (como diz o Snr. que não é energumeno,) do poder moderador. Louvado seja Deos!!! O crime individual denotando menor criminalidade, do que o crime politico!! E quem sustenta uma doutrina d'estas é talvez um homem que está proximo a sahir da Academia, e com pretensões á ser chefe do partido saquarema!!

O Snr. que não é energumeno tenha paciencia; queira perdoar a nossa franqueza; quem sustenta uma doutrina d'estas, ou é um homem que tem-se deixado dominar por um systema falso e miseravel, e por isso é digno de lastima ou de um ser destituido de toda e qualquer comprehensão. e neste caso para convencer-lhe de quanto é falsa a doutrina que sustenta, aconselhemos, já que não póde attingir ás abstrações da sciencia, que tome um meio material qualquer, um pezo ou medida e trate de depreciar as penas admittidas por nosso codigo penal. Ah! verá, uma vez que não póde comprehender, que os crimes individuaes são punidos muito mais severamente do que os politicoos. O Snr. que não é energumeno parece achar-se alistado no primeiro d'estes tristes extremos; é o escravo de um systema falso e indigno; então no meio de tanta baixeza e degradação o homem de senso apresenta-se, raras vezes para soltar um grito de odio contra os principios indignos, que o acabrunham. Com effeito estabelecendo, em abstracto, o principio: que os crimes individuaes implicam muito menos criminalidade do que os politicoos; descendo a exemplificação o Snr. que não é

energumeno exprime-se n'estes termos: Concedendo uma amnistia (que é uma das mais bellas attribuições que elle tem) em occasião inoportuna, como nos casos, não de uma revolução politica, mas de um ataque violento contra a propriedade, segurança individual, etc.

Ora, quem diz isto não reconhece que o crime individual denota muito maior criminalidade do que o politico? Certamente. O Snr. que não é energumeno portanto acha-se em contradicção com sigo mesmo; mas esta contradicção, ao nosso vêr, em vez de servir-lhe de descredito, é antes uma prova decisiva de que o bom senso ainda não o desamparou completamente.

Mas si o Imperador é responsavel, como individuo, qual o tribunal encarregado de fazer effectiva semelhante responsabilidade?—*Hoc opus, hic labor est.*—Batido em todos os pontos o Snr. que não é energumeno com seu velho e tradicional dogmatismo tem vindo se refugiar n'esta ultima trincheira. E' preciso pois que, o expulsemos d'ahi.

Dizendo a Const. no § 13 do art. 179—A lei é igual para todos, quer proteja, quer castigue..... seria evidentemente uma monstruosidade não haver um tribunal competente para punir os crimes commettidos pelo Imperador.

Em falta de toda e qualquer disposição á este respeito, nenhuma duvida que os tribunales ordinarios fossem os unicos competentes para julgar semelhantes crimes, a deducção abstracta sendo impotente para conferir tal competencia a um tribunal extraordinario; porém a nossa Const. previdente entendeu, que, não devia guardar-se silenciosa sobre um ponto de tamanha importancia, e determinou expressamente no art. 47 § 1.º E' da attribuição exclusiva do Senado conhecer dos delictos individuaes commettidos pelos membros da familia imperial..... De sorte que, entre nós o Senado é tribunal competente para conhecer dos crimes individuaes commettidos pelo Imperador.

Porém se nos dirá talvez: que é o auge de desmoralisação, o Imperador sendo processado, julgado e punido por um subordinado!! Que de calamidades para o paiz, podendo seu chefe, seu defensor perpetuo ser chamado diante de um tribunal não só para responder por crimes os mais graves, como tambem por delictos os mais insignificantes!!

Esta declaração corrupta, filha legitima do escravo, do despotismo, poderia se justificar perante estas cartas miseraveis, que, certos Povos, para eterna deshonna da humanidade, tem-se rebaixado em recebê-las; mas nossa lei fundamental é uma Const. e não uma Carta; quem nol-a deu foi o Povo e não o Rei; ella repelle por tanto semelhante declaração servil, como incompativel com seu caracter.

Quando se trata de processar e julgar o Imperador, o Senado tem sobre elle toda esta superioridade, de que,

se reveste o Juiz em relação ao particular, cujos actos tem de conhecer. E nem ha aqui lugar a distinguir-se entre crimes graves e menos graves; todos elles são conhecidos e definidos por nosso código penal; seria por tanto já não diremos uma immoralidade e baixeza, mas um desrespeito á lei criminal dar por impune um homem incurso em alguma de suas disposições.

De mais o castigo applicado ao criminoso, qualquer que este seja, tende a corrigil-o, e não á desmoralisal-o; sustentar o contrario d'isto é desconhecer o verdadeiro fim da penalidade, é querer voltar aos tempos da barbaria em que a pena não éra mais do que um vil instrumento de vingança. Entretanto os principios de nossos adversarios não os authorisam á sustentar outra cousa; para elles punir é vingar; eis porque com razão não querem que o Imperador seja punido.

Os nossos principios sendo outros, a conclusão deve ser necessariamente diversa; para nós punir alguém é chamal-o a ordem dos justos, é lançar mão de um meio extremo para corrigil-o; o Imperador por tanto quando delinquente de necessidade deve ser punido, como qualquer outro cidadão—a lei é igual para todos—

E nem se diga, que nossa doutrina é uma novidade, que nunca se viu Const. alguma mandar procurar e julgar um individuo, Chefe do Estado.

O *Snr. que não é energumeno*, o mais formidavel de nossos adversarios lêia sobre este ponto (depois de haver se regenerado nas águas do baptismo) a secção 3^a. n.º 60 da Const. dos Estados-Unidos; ahi verá o Senado revestido de toda esta superioridade necessaria para julgar o Chefe da Nação.

Porém talvez o *Snr. que não é energumeno* queira repellir esta paridade, dizendo que é uma heresia equiparar-se um Presidente á um Imperador.

Ha sem duvida uma grande distancia e differença entre estas duas authoridades; porém sob a relação em que as encaramos ellas se confundem, isto é, ambos são mandatarios do verdadeiro Soberano—Todos os poderes politicos são de delegações da Nação—Const. do Imperio art. 12—

Vencido n'este ponto o *Snr. que não é energumeno*, dando um ultimo arranco, poderia nos dizer ainda que o Imperador não sendo membro da familia imperial não está comprehendido na disposição do art. 47 § 1.º—Só o auge de desesperação seria capaz de fazer um homem resignar-se á recorrer á semelhante remedio.

Com effeito, dada a hypothese, que o *Snr. que não é energumeno* nos mostrasse, que o Imperador não é membro da familia imperial, qual a consequencia, que resultaria d'ahi? Esta, e sómente esta: que em falta de tribunal extraordinario, o ordinario seria competente para julgar dos crimes commettidos por elle. Toda outra consequencia seria falsa; porque ella comprometteria a Lei Constitucional, qualificando-a de contradictoria.

Já vê pois, o *Snr. que não é energumeno*, que para sua propria honra deve sustentar, que o Imperador é membro da familia.

Mas, como não admittimos tranzacções na sciencia, declaramos, que éra possivel sustentar-se outra cousa, como nenhuma prova fosse apresentada no libello a que respondemos, contra a nossa doutrina, nos contentamos em enviar o *Snr. que não é energumeno* ao que alguém já dice sobre esta materia no n.º 6.º do Tymbira—

Terminada a questão da irresponsabilidade passa-

remos a da interferencia dos Ministros nos actos do Poder Moderador.

(Continúa.)

Para instrucção do Povo

Aleitura de uns artigos intitutados—*Para instrucção do Paiz e Como se mata o systema representativo*, publicados no Jornal official, moveu-nos á escrever tambem alguma cousa para instrucção do Povo. Cremos fazer um serviço ao Paiz, porque nós, desprevenidos das ambições de partido e dos odios politicos, sustentamos e defendemos somente os principios e as ideias por julgarmos verdadeiras e não por meras conveniencias individuaes como esses *apostatas* modernos; esses politicos que estão sempre promptos á sophismarem tudo até mesmo a propria consciencia!

Sim, quando o Povo descrê dos seus representantes, porque nelles vê um proceder tão incoherente e mesmo tão immoral; quando não ha crenças, nem fé, nem patriotismo nos homens publicos, á mocidade cumpre protestar e acordar o Paiz que dorme sobre um abysmo.

Triste do Paiz, onde á par da descrença, cresce a corrupção!.....

Si alguns jovens sahidos das Academias renegam as suas crenças para acompanhar a politica immoral que domina o Paiz, outros as conservarão puras e terão bastante dignidade e pundonor para preferirem viver pobres honrados, á galgarem as escadas do poder, prostituindo-se á cada passo e deixando em cada degráo uma mancha indelevel de sua vergonhosa passagem; desacreditando assim aos olhos do povo o ideal do governo representativo.

Respeitamos as crenças de cada um quando ellas são sinceras e porisso curvamo-nos respeitosos diante de alguns vultos de nossa Historia, ainda que tenham combatido em campos diversos; respeitamos porque foram politicos de principios que com fé nelles procuraram o bem de sua Patria e se erraram, muitos dos seus erros devem ser desculpados. Desses bem raros são hoje!

Quando vemos depois de trinta e tantos annos de governo representativo sophismarem-se os seus principios mais solidos; quando vemos um parlamento que nem sabe zelar os seus direitos; cumpre-nos instruir o Povo, a fim de que elle proceda com acerto na escolha dos seus representantes.

Alguns dos Snrs. Ministros, talvez que o *Snr. Ferraz* ou o *Snr. Almeida Pereira* como mais factos, ou alguém assalariado por S. S. E. E. á custa dos cofres publicos, incumbio-se de prégar uma nova doutrina de governo representativo só propria ao paiz dos Cafres ou dos Hottentotes.

Não pode admittir o artiguista que nas Camaras haja opposição ao Ministerio!

Para que opposição se o Ministerio é composto de anjos que recebem a *infallibilidade* da pessoa

inviolavel do monarcha e dos *Archanjos* que o guiam?!.....

Talvez que o escriptor pense assim ou seja obrigado a assim pensar.

Para pregar pela surdina a sua absurda doutrina, esse quem quer que seja, intitulo o seu amontoado de disparates e invectivas—instrucção para o Paiz.

Alem de tudo que infelizmente vemos procura-se até ridicularisar o bom senso do Paiz! Nem é de admirar quando os Ministros dizem em pleno parlamento que desprezam a opinião publica! nem é de admirar quando vemos formarem-se Ministerios contra todos os usos parlamentares!...

No seu enthusiasmo de doutrinar o Paiz, o artiguista não pode soffrer que no Senado *na camara conservadora do nosso pacto fundamental* se levante uma opposição ao Ministerio!

Onde iria o artiguista aprender isto?! Para chegar porem ao seu louco intento attaca, insulta e ridicularisa os conspicuos Senadores, membros da opposição.

Para boa marcha do governo representativo é preciso que não haja opposição nas camaras, porque ella não deixa o Ministerio fazer ao paiz o bem que deseja fazer. Abaixo pois a opposição e glorias as camaras unanimes! Eis a doutrina do jornal official. E por isso elogia-se o Regimento da Camara dos Deputados e attaca-se e pede-se a reforma do Regimento do Senado.

O Regimento da Camara dos deputados é bom porque impõe silencio á minoria, sugeita-se ao *quero* de uma maioria sem consciencia dos seus actos; uma maioria que dá ao paiz o triste espectáculo de ver os seus representantes sahindo de contradicções em contradicções seguirem um Ministerio, cujo pessoal quando na opposição combateu algumas ideias, mas quando agora no poder, sustenta-as! O ex-ministro, o eloquente Sr. Torres Homem, atirando ao paiz do alto da tribuna as seguintes palavras: «eu faltaria nesta occasião ao cumprimento de um sagrado dever se, em nome de meus amigos desta casa, não agradecesse aos nobres ministros o haverem adherido á todas as nossas doutrinas economicas e promovido de uma maneira tão cordial o seu triumpho definitivo» fez a eloquente defeza da enérgica opposição deste anno, e como echo da opinião publica fez ao Ministerio e á muitos deputados da maioria uma justa censura. Como responderão ao Sr. Torres-Homem, os Srs. Ministros e os seus amigos do anno passado? Antes emmudeçam do que procurem justificar-se.

O Paiz já sabe que o Ministerio está debaixo da influencia de um *criançola* que recebendo as ordens dos *Archanjos* da corôa, as transmite aos seus collegas e que se tem uma grande maioria é por estarem proximas as eleições.

O Regimento do Senado não presta por que dá á minoria o direito de fallar, de analysar os actos

do governo e pantenteal-os ao Paiz. Deus nos livre que assim não fosse porque do contrario os actos do *feliz* Ministerio de 10 de Agosto passariam todos sem o necessario exame.

O Jornal official ignora que, quando no governo representativo se diz—que é a maioria quem governa está subentendido que é uma maioria legal, representando um principio, uma maioria que tem por fim o interesse geral; e não uma maioria amalgamada, sem um principio que a domine, ao menos que não seja o interesse individual, uma transacção para segurança de candidaturas duvidosas. E é a isso que se chama maioria?! Pobre governo representativo!

Augustos e venerandos vultos de nossa Historia parlamentar, o que dirias se visseis assim tão degenerado o *systema* representativo, que custou-vos tantas lagrimas, tantas dores! Pobre Brazil á caminhar assim aonde ireis parar? No despotismo ou na revolução.....

O Jornal official admira-se que a minoria queira governar. Pois será possivel que o author de taes artigos ignore que as minorias nos verdadeiros governos representativos prestam muitas vezes mais serviço ao Paiz do que as maiorias? Será possivel tambem que ignore que uma minoria intelligente tem direito de empregar os meios para tornar-se maioria? Será possivel que ignore que pequenas opposições tem derribado Ministerios?!

A minoria é digna do respeito e admiração do Paiz porque tem sabido salvar, quanto lhe é possivel, a dignidade do parlamento, tem sabido sustentar-se com honra no seu posto, tem sido fiel ás suas crenças, tem sustentado as idéas politicas e administrativas do anno passado. O Paiz necessita de homens do character desses que compoem a minoria nas duas camaras. São esses os verdadeiros representantes do povo; são esses os verdadeiros conhecedores do *systema* representativo; são esses que merecem uma reeleição, porque elles não precisam do *placet* do ministerio para serem reeleitos.

E' assim que queremos os homens politicos, com consciencia de quanto valem por si e que comprehendam que a posição do representante do povo deve ser independente e não servil.

Temos razão para assim julgar a maioria e minoria ou não? Responda por nós o Snr. Torres Homem e a propria maioria com o seu proceder, com a vergonhosa rejeição das incompatibilidades; responda por nós a minoria com o seu proceder e com a apresentação nobre e patriótica das incompatibilidades.

Ainda Puff.

Nunca lestes o *Punch*, leitores? E' o primeiro gaito de Inglaterra. Si todas as nações têm o seu *Chirivari* imitando assim a nação mais espirituosa do mun-

do, até nas suas revoluções—a França—os inglezes, que na sua rivalidade não lhe querem dever obrigações, crearam o *Punch*.

Ha sómente uma differença entre estes dous jornaes é que—o francez tem uma certa graça especial, seus ditos são subtis como os perfumes de *Pinanal*, vaporesos como o *champagne* espumando da garrafa, delicados como as rendas que de lá nos mandam; em quanto o inglez em tudo que nelle se escreve tem um não sei que de pezado e grosseiro como um ensanguentado *roastbeef*, seus ditos são amargos e aborrecidos como a cerveja e quando se o lê, julga-se respirar o *ar embalsamado* pelo fumo de carvão de pedra, que se eleva em ondulações as campinas verdejantes do céu, onde os anjinhos vem colher flôres para com ellas engrinaldarem suas candidas frentes (estyllo academico.)

Assim os inglezes nem sempre são sérios como o estudante que cabulou e vem cor de romano velho justificar a ausencia por estar *muito encommodado* e nem todos morrem de spleen—muitos ha que são risonhos, principalmente depois do jantar, como esses parasitas que se agarram á um potentado para adquirirem posição ou como moça que quer casar e que n'um sorriso reproduzindo-se gracioso nas covinhas das faces mata um vivente (diversas que mata).

O Puff tem nas veias o sangue *bem vermelho* desses inglezes e por isso não é de estranhar que ria-se do que vai por esta nossa terra.

Entre Democrito, que ria-se das miserias deste planeta e Heraclito, que sobre ellas chorava sem vergonhamente, (tamanho homem) escolho o partido dos primeiros.

A' phrase do poeta *despair and die* (desesperar e morrer) substituo esta *ver e riv*.

Assim este seu criado, leitores, continuará á cumprir o seu dever mostrando para edificação dos fieis os *puffs* que apparecerem; e nem os amantes do puff se devem atemorisar—se eu ahi viesse estirado n'um artigo de fundo estabelecendo principios e tirando consequencias—vá, mas arranjando uns *globulosinhos homeopathicos*—ora!

E pois *all right, away!*—aqui estou eu com a mania de escrever tantas palavras em inglez, mas emfim desculpem, leitores, é um *habito* e não me posso desfazer d'elle, principalmente neste tempo em que todos procuram trazer ao peito *um* ou mais.

Puff é—o *Nho João* apresentar-se candidato á deputação por todos os circulos da provincia.

Que popularidade! A de Victor Manoel, Cavour e Garibaldi não é maior.... E ainda se atrevem incredulos a dizer que a imprensa é nada! Vejão, admirem o rei da imprensa paulistana recebendo a aureola da popularidade! *Quis talia* fando temperet á lacrymis (de riso.)

Puff é—terem os conservadores procurado amedrontar o Snr. Lopes de Leão com o Clamor publico. Pensam sem duvida que o Snr. Polycarpo já de cabellos brancos tem medo do papão.

Coitados!

Puff é—o partido conservador ter como escrevinhador do seu jornal o *magriça Nho João* e como braço direito o *magriça* chefe de policia, que com tão poucos homens, qual segundo Garibaldi, pretende conquistar Guaratinguetá. Resam as Santas Paginas que as sette vacas *magras* do sonho de Pharáo simbolisavam a *peste*. E não ter eu veia poetica, como o *quibirú*, para cantar tantos feitos e defeitos?!

Puff é—a companhia dramatica nas recitas de assignatura só levar á scena cousas tão vistas e sedicas, como as pillulas paulistanas que curam *todas* as molestias desde a cholera-morbus até o *charlatanismo*, que é a peste da época.

Fallando em pillulas paulistanas espirro immediatamente.....Schcoen.....Schcoen..... é uma massada. Será defeito de organismo? Respondam os Esculapios.

Puff é—a camara municipal não ter olhos para vêr e sentir o pó que se levanta das ruas desta capital. Parece que estamos no deserto de Sahara ou nos Pampas do Sul quando sopra o simoun ou o pampeiro. Dar-se-ha caso que os illustres camaristas queiram que os habitantes fiquem com *peneira nos olhos*.

Puff é—a grande quantidade de *entendedores* que foi assistir á representação da companhia franceza. Era interessante vel-os rir com tanto gosto quando ria-se o Lefebre.

Puff é—o seguinte arremedo do Padre—Nosso, que copiamos da cartilha politica do *Guibirú*:

Pai Eusebio, que estaes na *Siberia*, abençoado seja o vosso nome, venha a mim o vosso *mando* e *bons empregos*; seja feita a vossa vontade assim na Côrte como em todo o Imperio; a *deputação geral* que tanto desejo da-me hoje; perdoai ter escripto a *Carranqueida* e o *Meteóro*, assim como eu perdouo ao Puff seus atrevimentos; não me deixeis *cá embaixo* quando andaes lá pelas alturas, livrai-me dos *furiosos* liberaes. Amen. A idéa de não sahir deputado geral é mais aterradora para o Guibirú do que foi para Macheth a sombra exprobadora de Banco.

Puff é—o Snr. Albino dos Santos Pereira o *magnetizador* (magnetizar em gripho será tudo, que quizerem, menos furtar) das cousas alheias vir á S. Paulo procurar um capello; foi pena que lhe déssem na cara uma gargalhada tão estridente e zombeteira.

Puff é—o Snr. Albino (o acima) improvisar-se em redactor de um jornal na côrte e procurar para seu correspondente nesta cidade, talvez, o bolieiro que do Rio lhe veio com aquelle *carro vendido* á um parente da Exm.^a Snr.^a Marqueza de Santos: consta que o mesmo correspondente é o quidam que serviu de *depositario de um alfinete* de certo barão

Puff é—o directorio conservador (Sublime Porta Paulistana) ter dado um verdadeiro *puff* na chapa vermelha da *Lei*?!!

Puff é—o resenhista Simão—do Kaleidoscopio não poder suffocar o seu espirito retrogrado, e em ar de phosforo procurar redicularisar o movimento intellectual da mocidade academica; e o que é peor (para elle) mentir, como um ministro desses do Estado—Eu: desculpamos o collega...si é kaleidoscopico!

Puff é—o correspondente da Actualidade querendo criticar o Tymbira plagiar escandalosamente..... quem? Eugenio de Mirecourt fallando da obra o *Acaso* de Emiliq de Girardin.

Estes correspondentes são de se tirar o chapéo e fazer aproveitar a oportunidade para dizer um adeos aos leitores.
